

ATENTAI (2:1—3A)

¹Por esta razão, importa que nos apegue-mos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. ²Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, ^{3a}como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?

Esta seção contém a primeira de cinco admoestações no Livro de Hebreus que advertem contra pecados que vão desde o desvio total do caminho até o desprezo da Palavra de Deus (12:14–29). O autor se pôs a dar “uma palavra de exortação” e se manteve nesse propósito.

Inseridos nesta breve passagem estão quatro desafios espirituais relevantes. A exortação que o autor expõe aqui é com respeito aos quatro pensamentos sobre os quais ele já havia escrito.

“POR ESTA RAZÃO” – UMA CONCLUSÃO (2:1A)

Os versículos 1 a 4 geralmente são vistos como um parêntese; mas, como é indicado pela expressão “por esta razão”, eles realmente formam mais de uma conclusão para o raciocínio apresentado no capítulo 1. O escritor concluiu seu argumento detalhado, embora tivesse mais a dizer sobre ele, com sua afirmação de que a aliança dada através dos anjos não se compara à aliança dada por Cristo (v. 2). Não existe possibilidade de escapar, se negligenciarmos a salvação que a nova aliança provê (v. 3).

Começando com o versículo 5, esta epístola-ensaio volta-se para a posição inferior do homem e como Cristo uniu-se a nós assumindo a posição de ser humano. O autor exortou que, tendo nós recebido maior quantidade de bênçãos por meio de um Legislador muito superior a anjos, o qual mediou a velha lei, muito mais se espera de nós.

O princípio é o mesmo ensinado por Jesus; ou seja, onde muito foi dado, muito é esperado (Lucas 12:47, 48; Mateus 11:20–24). Temos maiores revelações e bênçãos em Cristo; portanto, nossa responsabilidade de obedecer e permanecer fiéis a Ele é igualmente maior.

Todo conceito teológico deve vir sempre acompanhado de uma aplicação e o autor de Hebreus foi cuidadoso ao incluí-la aqui. Ele passou da teologia para a aplicação continuamente por todo o livro. Reconhecer a grandeza de Cristo sem aplicar a relevância do fato à vida tornaria essa grande verdade sem valor para o leitor. Tendo em vista a graça infinita de Deus, manifestada ao enviar ele o Seu Filho ao mundo para redimir o homem pecador, estamos debaixo de uma obrigação moral de prestar a máxima atenção à proclamação do evangelho.

“IMPORTA” – UMA ADMOESTAÇÃO (2:1B)

“Importa que nos apegue-mos, com mais firmeza” É usado no sentido de “atenção máxima”, ou como traduz a versão de J. B. Phillips: “Devemos, portanto, prestar a maior atenção”. Este comparativo “com mais firmeza” (περισσοτέρως, *perissoteros*), na forma adverbial, ocorre outras vezes somente nas Epístolas Paulinas, em dez ocasiões.

Considerando que “importa que prestemos a máxima atenção”, existe pelo menos a implicação que estaremos perdidos se não o fizermos. Aqueles que não prestam a devida atenção a esta admoestação mostram-se descuidados com a eternidade!

Uma atenção especial e cuidadosa deve ser dada “às verdades ouvidas”. O que ouvimos? Subentende-se aqui tudo o que está incluso nas boas

novas do evangelho. Pode-se definir que o evangelho contém quatro elementos: 1) Ele contém *fatos* nos quais cremos, pois essa é a essência da mensagem do evangelho (1 Coríntios 15:1-4). 2) Ele contém *promessas* pelas quais esperamos (Romanos 8:24; Tito 1:2), incluindo a esperança no céu, na vida eterna, na redenção do corpo na ressurreição e na providência divina nesta vida. 3) Ele contém *mandamentos* a serem obedecidos e aos quais devemos nos submeter (Mateus 28:19, 20; Marcos 16:15, 16; 2 Timóteo 2:2). 4) Ele implica *castigo* aos que não lhe obedecem, dando-nos razão para temer (2 Tessalonicenses 1:7-9; Mateus 25:31, 46; compare com Hebreus 10:26-29 e 12:28, 29).

“JAMAIS NOS DESVIEMOS” – UMA ADVERTÊNCIA (2:1C)

Devemos prestar a máxima atenção às palavras do evangelho que temos ouvido “para que delas jamais nos desviemos”. A NVI diz: “para que jamais nos desviemos”. O significado exato desta afirmação tem sido debatido. Nós nos desviaremos do evangelho ou o evangelho se desviará de nós? O escritor incluiu-se ao alertar seus leitores: “Atentai”.

A palavra grega traduzida por “desviemos” significa literalmente “escoar para além de” e só ocorre aqui no Novo Testamento. (Uma palavra similar é usada em Provérbios 3:21.) Trata-se do aoristo, passivo, subjuntivo de *παρᾶπτόω* (*parareo*). Uma porção de ilustrações já foi usada para esse desvio: um navio que desliza de seu ancoradouro e desvia para a destruição; um anel que escorrega do dedo de um nadador descuidado ou um corredor de longa distância que toma a direção errada do trajeto. A tragédia desse desvio é vividamente ilustrada toda vez que grandes veículos perdem a direção e saem bruscamente do curso normal, colidindo com outros veículos ou pedestres.

A ideia, portanto, desta palavra é que precisamos urgentemente ancorar nossas vidas ao que temos aprendido, e jamais deixar que o barco de nossas vidas se solte do porto e naufrague. F. F. Bruce disse:

Qualquer que seja a força metafórica do verbo aqui, o autor está advertindo os leitores cristãos, os quais ouviram e aceitaram o evangelho, que, se eles cederem à tentação de abandonar a fé, a situação deles será desesperadora.¹

¹F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews*, The New Interna-

“COMO ESCAPAREMOS NÓS?” – UMA PERGUNTA A SE FAZER (2:3)

“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?” Esta pergunta nos prepara para outra pergunta: De que deveríamos escapar? A morte eterna deve ser a interpretação correta; dizer outra coisa é reduzir a força da passagem.

Pedro admoestou o cristão a “ficar cada vez mais firme na certeza de que Deus o chamou” (2 Pedro 1:10; NTLH). Por que pedir a um santo que ele tenha certeza do chamado que Cristo lhe fez, se esse chamado já estava totalmente feito e certo? Edgar J. Goodspeed deu esta explicação: “É por isso que precisamos dar a maior atenção à mensagem que ouvimos, para que jamais nos desapeguemos dela”.

A expressão “a palavra falada por meio de anjos” inicia a seção que não é uma digressão, mas serve de clímax e conclusão necessária ao que foi dito antes. Esta admoestação diz respeito à essência da epístola, que é prevenir os leitores a não caírem da fé.

Nos dias do escritor da carta, era comumente aceito que os anjos haviam ajudado a dar a lei. Esta ideia tinha a aprovação de textos inspirados (Atos 7:38, 53; Gálatas 3:19). Se não fosse entendido que os anjos ajudaram a dar a lei, os leitores e ouvintes teriam considerado supérflua a exposição do autor sobre Jesus ser maior que os anjos.

“A palavra falada por meio de anjos” é descrita como tendo se tornado “firme” (*βέβαιος*, *bebaios*), ou seja, “inalterada”, “válida” ou “em vigor”. Esta descrição implica que tudo acerca da lei se aplicava à carta; a desobediência gerava castigos específicos. A lei provava ser válida por meio de castigos distribuídos aos desobedientes. Grande parte da história do Antigo Testamento detalha esse fato. Um caso a se destacar é o fato de que reis maus quase invariavelmente tiveram reinados muito mais curtos do que os reis justos.

Números 15:30 alista castigos para pecados cometidos “atrevidamente”, “de propósito” (NTLH) ou “com atitude desafiadora” (NVI). Esse tipo de pecado talvez equivalesse ao “viver deliberadamente em pecado” (Hebreus 10:26). O pecado em rebeldia, cometido com pleno entendimento de que se estava pecando contra Deus, parece ter pouca ou nenhuma esperança de per-

tional Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964, p. 27.

dão. Em cada mandamento, Deus incluiu castigo aos desobedientes. Ninguém lê Deuteronômio sem ficar impressionado com a grande ênfase na importância da submissão total aos santos mandamentos de Deus (veja Deuteronômio 4:2; 28:1, 9, 14-46).

O conteúdo básico da aliança vétero-testamentária ficou vividamente estabelecido quando falou de bênçãos aos obedientes e maldições aos desobedientes (Deuteronômio 28:15-46). A lei não promovia complacência, mas justiça. Por exemplo, “olho por olho” foi especificado, em contraste com os “dois olhos por um olho” exigidos por alguns códigos de civilizações contemporâneas (veja Levítico 24:19, 20)².

Dois tipos de pecado são especificados no versículo 2. “Transgressão”, ou “ir além”, ocorria quando o indivíduo desrespeitava um ato que a lei de Deus havia proibido especificamente. Por exemplo, a lei dizia: “Não matarás” (Êxodo 20:13); se alguém violassem essa regra, seria qualificado como um transgressor.

A palavra equivalente a “desobediência” significa literalmente “não ouvir” ou ouvir de modo descuidado ou negligente. Envolve não fazer uma coisa especificada que foi ordenada. Quando o indivíduo não se “lembrava do dia de sábado” (Êxodo 20:8), ele “desobedecia”.

Podemos nos referir a pecados de omissão e comissão. Embora estes termos não sejam especificamente usados na Bíblia, a ideia está presente. Orar para ser perdoado de ambos os tipos de pecados está correto e convém. Muitos que estão perdidos não serão condenados por transgressões diretas, mas por perderem as oportunidades de fazer o bem – pois isto também é pecado (Tiago 4:17).

“Recebeu justo castigo” é um princípio amplamente ilustrado no Antigo Testamento. Uma testemunha falsa, assim que descoberta, era punida com o mesmo castigo que seria dado ao acusado (Deuteronômio 19:16-20). Essa forma de castigo com certeza é “justa”. O ambicioso Acã foi apedrejado por desobediência (Josué 7:24, 25). Toda prostituta deveria ser apedrejada (Deuteronômio 22:21). Basta observar o caso de Ananias e Safira para constatar que o castigo sob o Novo

²Os Códigos de Mari e Nuzi são de uma época próxima ao período patriarcal e ajudam a lançar luzes sobre os costumes do Antigo Testamento.

Testamento não é menos rígido (Atos 5:1-11). Há, no Antigo Testamento, exemplo de um homem morto por causa de sua cobiça (Josué 7) e há, no Novo Testamento, exemplo de pessoas mortas pela mesma razão (Atos 5).

Nosso Deus é um Deus de justiça que “dará [a cada homem] a paga segundo as suas obras” (2 Timóteo 4:14; veja Apocalipse 20:13). Ele verdadeiramente “não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34). A lei mosaica era inferior à lei de Cristo, porém quem desobedecia à lei era rígida e certamente punido. A comparação mostra que debaixo da nova aliança não há menos punição. Este tipo de raciocínio era comum entre os rabinos na época em que Hebreus foi escrito; é chamado em latim de *a minori ad maius*³. Em hebraico a expressão é *qal wachomer* (que significa “leve e pesado”). Esse raciocínio segue a fórmula “do menor para o maior”. O rabi Hillel (primeiro século A.D.) mencionou esta como uma de suas sete regras de interpretação da lei⁴.

Quem pensa que seus pecados debaixo da nova aliança receberão um castigo mais leve está enganado. É errôneo crer que Deus, em Sua graça abundante, vai ignorar os pecados sem exigir castigo. A graça de Deus é mesmo abundante, muito mais abundante do que podemos descrever, porém não devemos pressupor que podemos pecar impunemente por causa da misericórdia de Deus ou que transgressões das quais não nos arrependemos serão ignoradas. A obediência ainda é um requisito divino. Hebreus destrói, assim, a ideia equivocada de que o nosso Deus misericordioso vai ignorar os nossos pecados e faltas, quer nos arrependamos completamente, quer não. A importância de obedecer à Palavra de Deus é enfatizada mais de uma vez em Hebreus (veja 10:26-29; 12:25).

A Bíblia não nos diz que Deus fará vistas grossas ao erro da divisão religiosa porque Ele perdoa nossos erros insensatos. Todos nós precisamos de corações arrependidos. O lavar contínuo de nossas almas pelo sangue de Jesus (1 João 1:7-10) requer que desejemos obedecer à vontade

³James Moffatt, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Hebrews*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1924; reimpressão, Edinburgo: T. & T. Clark, 1952, p. 18.

⁴Vários exemplos deste método no ensino de Jesus, Filo e Hebreus são citados em Neil R. Lightfoot, *Epístola aos Hebreus*. Trad. Neyd V. Siqueira. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1981, p. 92s.

de Deus assim que a entendemos. Se pensarmos que “a maravilhosa graça de Jesus” deixa nossos pecados menos repugnantes e não merecedores de condenação, teremos “barateado” essa graça e assumido o papel de pecadores presunçosos. O pecado não confessado é o maior obstáculo à obra de Deus por meio de Sua igreja.

“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?” Esta é uma pergunta retórica, pois a resposta é evidente no contexto é claramente fornecida. *Não existe saída!* Segunda Tessalonicenses 1:8–10a nos informa o que acontecerá aos que desobedecem ao evangelho. Quando o Senhor voltar, Ele virá “tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos Seus santos e ser admirado em todos os que creiam, naquele dia”.

Por que não haverá escape? Porque o pecador terá se afastado tanto da obediência que será tarde demais ou seu coração estará endurecido demais para ele se arrepender. Qualquer uma dessas condições põe fim à esperança para o pecador. Verdadeiramente, haverá um momento em que o Senhor fechará a porta e negará a entrada a alguns que ficarem do lado de fora implorando para entrar (Lucas 13:24–28).

Se não havia escape do castigo pelo pecado cometido de propósito, ou “com atitude desafiadora” debaixo do Antigo Testamento, que era um código inferior, como haverá escape para quem peca por desobedecer à nova aliança? Não existe salvação senão por Cristo; se recusarmos a Cristo, não teremos esperança de redenção (veja 10:26; João 14:6).

Uma pessoa pode estar perdida sem rejeitar ou menosprezar diretamente a Cristo. Quando “negligenciamos” os ensinamentos de Cristo, a condenação será a nossa sentença. A palavra “negligenciar” (ἀμελέω, *ameleo*) significa simplesmente “ser desatento a”. Nenhum interesse do mundo prospera quando não nos preocupamos com ele. Por que deveríamos esperar que o nosso bem-estar espiritual fosse diferente? O indivíduo que se permitiu transformar-se num assassino, num adúltero ou num beberrão não tem base sobre a qual se justificar. Isso é tão irracional quanto dizer: “Porque eu não sou um ladrão, meu negócio

vai prosperar e eu vou ser rico em pouco tempo”. Deus espera mais de nós, pois foram-nos oferecidos salvação e descanso eterno muito maiores do que poderiam sonhar os que viveram debaixo da velha aliança.

Quem entrou no caminho estreito precisará de muito empenho (Lucas 13:23, 24). Nossa “grande salvação” vale mais do que o mundo inteiro. Ela é grande porque nos salva dos pecados e dos grandes perigos e provê grandes recompensas. “É tão maravilhosa que linguagem nenhuma é suficiente para lhe fazer jus.”⁵ Existe o perigo real do inferno eterno, se negligenciarmos o plano de salvação de Deus.

PREGANDO SOBRE HEBREUS

“ATENTAI” (2:1)

Os requisitos do Novo Testamento são mais exigentes do que os do Antigo Testamento? Essa ideia vai contra nosso pensamento comum. Podemos indagar: “O Novo Testamento não contém mais graça do que o Antigo Testamento?”; “Deus não era mais rígido no Antigo Testamento do que é no Novo Testamento?” Essas perguntas parecem ser a atitude geral dos leitores casuais da Bíblia. O ensino do versículo 1 é contrário ao pensamento popular, não bíblico.

Pregadores são muitas vezes censurados, tanto dentro como fora da igreja, por não discorrerem mais acerca da graça; mas o aparente perigo é que as pessoas que enfatizam a graça acabam deixando de focar a justiça de Deus. Se nossa ênfase na graça parece minimizar a justiça de Deus e o castigo do inferno, não estamos sendo sentinelas que falham em alertar a destruição iminente (Ezequiel 33:1–9)? O pregador que entretém os ouvintes semanalmente faz a vida parecer o que ela não é: prazer e brincadeira.

Essa visão de maior rigidez no Novo Testamento é o verdadeiro cristianismo? De fato é, e a sabedoria sugere que com os maiores privilégios e bênçãos vem uma penalidade maior pela desobediência. Pedro declarou que quando os cristãos voltam ao pecado “depois de terem escapado das contaminações do mundo”, o fim deles é ainda pior do que seria sem a conversão anterior

⁵Philip Edgcumbe Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1977, p. 76.

(2 Pedro 2:20–22). Essas “contaminações” são pecados. Tendo “escapado” do pecado implica que o indivíduo foi salvo dos efeitos eternos do pecado. A ideia de que essa pessoa “nunca foi verdadeira convertida” é aqui refutada! Hebreus até menciona a impossibilidade de alguns apóstatas serem restaurados (6:4–6). A condição destituída do apóstata endurecido pode colocar o indivíduo numa posição irreconciliável com Deus. Este fato deve ser confrontado até por quem pensa que seus pecados são apenas casuais. Como Deus vai reagir ao meu pecado e julgar o meu coração? Realmente, “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10:31).

O propósito da lei deve ser visto na sua relação com a nova aliança. Quando Jesus comentou sobre isto em Mateus 5:38 e 39, citando o ensino do “olho por olho”, Ele não estava refutando a lei nem a repudiando, mas mostrando que a disposição de Seus discípulos não devia levá-los a buscar a retaliação pessoal. Não era intenção que todo o sistema civil de justiça fosse repellido, como Jesus já havia mostrado em Mateus 5:17 e 18. O espírito da nova aliança não era, como se interpretava em relação à velha, um mero reforço da obediência externa sem o verdadeiro envolvimento do coração. Esse tipo de comportamento era dos fariseus, que interpretavam e ensinavam erroneamente o Antigo Testamento. Quando Jesus começou a extrair as conclusões deste princípio, Ele disse para fazermos aos outros o que gostaríamos que fizessem a nós e explicou: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mateus 7:12). Ele não alegou que esse ensino fosse novo. Ele estava simplesmente dando a interpretação correta da intenção da lei.

UMA NOVA GERAÇÃO

Recebi um informativo de uma igreja na cidade de Prescott, no estado norte-americano de Arkansas, onde fiz meu primeiro trabalho em tempo integral por muitos anos. Encontrei o nome de apenas um presbítero que era líder daquela congregação enquanto eu vivi entre ele, mais de quarenta anos atrás. Ele já estava com uns noventa anos de idade, não enxergava e realmente estava incapacitado para servir, mas seu nome foi mantido na lista. Todavia, quase todos os nomes dos demais membros da congregação haviam mudado desde aquele tempo. Se eu es-

crevesse para aquela igreja hoje, seria compelido a falar deles como a segunda geração, como aconteceu aqui em Hebreus. Mais tarde, em dezembro de 2000, li num informativo da mesma igreja que o pastor Horace Jones estava muito doente. Duas semanas depois veio a notícia de seu falecimento. Ele estava no topo da minha lista de bispos a quem eu admirava muito, pois ele sempre me ajudou nas pregações e nas aulas e ele fazia isso com bondade e, ao mesmo tempo, firmeza. A maioria da congregação atual não me ouviu pregar pessoalmente no passado. Quando voltei para pregar ali em maio de 2005, fiz eles se lembrarem de seus antigos líderes (como foi feito em 2:1–4 e 13:7).

O QUE PROVOCA O DESVIO? (2:1–4)

O perigo do desvio pode vir de várias fontes. *Alguns não reconhecem completamente a importância da verdade aprendida.* Quando a porta é aberta para se aprender a verdade que pode salvar a alma, muitos a colocam de lado como algo sem importância para o seu viver diário. Esse é um curso perigoso para se seguir. Paulo advertiu Félix da grave ameaça que o confrontava, falando da justiça, do domínio-próprio e do juízo que viriam (Atos 24:25). Félix quis um momento mais oportuno para dar atenção a essas questões. Esse momento “oportuno” nunca aconteceu. A necessidade de o ser humano arrepender-se do pecado não é fácil nem casual. Devemos aproveitar toda oportunidade para lembrar os pecadores não arrependidos do juízo vindouro. Paulo utilizou o julgamento vindouro como base para instas as pessoas a obedecerem. Ele sabia que o Dia do Juízo está chegando e que essa é uma razão para temer o Senhor (2 Coríntios 5:10, 11).

Uma das causas do desvio é pensar que podemos ser perdoados de mais pecados por estarmos debaixo da nova aliança. Lemos sobre o dízimo exigido debaixo da velha aliança e pensamos: “Que bom que não tenho que viver debaixo desse sistema rígido e ofertar tanto”. Na verdade, nossas responsabilidades são maiores debaixo do Novo Testamento; pregar o evangelho ao mundo exige mais generosidade do que manter um sistema judaico. Alguns tentam progredir e crescer como santos fazendo o mínimo. Jesus ensinou a alegria de “andar a segunda milha” (veja Mateus 5:41). Ele também ensinou que mesmo quando fazemos tudo o que nos foi ordenado, ainda somos “servos inúteis” (Lucas 17:10).

Somos facilmente atraídos aos prazeres desta vida, o que pode ser a maior causa de desvio. Nossos corações podem facilmente ficar “sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida”, de maneira que “os seus frutos não chegam a amadurecer” (Lucas 8:14). Vemos muitos jovens que começam demonstrando zelo espiritual, mas jamais chegam a aprofundar a fé. Eles se desviam sem perceber, geralmente até a perdição eterna de suas almas. Quando o prazer nos afasta de Deus, perdemos lamentavelmente a noção do que é importante. Começamos a pensar: “Não tenho tempo” e dar desculpas para justificar o prazer que se tornou nosso foco central.

O evangelho continua a ter o poder de salvar (Romanos 1:16). Como o sabão precisa ser aplicado à pele para limpar o menino sujo, o evangelho precisa ser aplicado para lavar o pecado. A verdade abundante na Bíblia pode salvar o mundo; porém, como um remédio que não cura a menos que seja ingerido, o evangelho não salva sem que seja ouvido e obedecido.

O QUE É PECADO (2:1, 2)

O Antigo Testamento contém um exemplo de morte por causa de cobiça (Acã; Josué 7) e o Novo Testamento fala de um casal que sofreu o mesmo fim pelo mesmo pecado (Ananias e Safira; Atos 5). O pecado é uma violação da vontade específica de Deus. Se não realizado uma boa obra para a qual temos capacidade de oportunidade, isso também é classificado como pecado (veja Tiago 4:17; 1 João 5:17). Em 1 João 3:4, “transgressão” significa ir contra a lei ou “transgredi-la”. A palavra é *anomia*, literalmente “contra a lei”. Muitos cristãos que caem não serão condenados por violações morais flagrantes, mas negligenciarem o que deveriam ter feito. Para ter certeza da salvação eterna, o cristão deve possuir as “graças cristãs” listadas em 2 Pedro 1:5–11. Quando ele assim procede, “não tropeça em tempo algum” (v. 10). Portanto, é possível jamais cair da graça se as condições que Pedro prescreveu forem seguidas. Pode-se experimentar um crescimento progressivo na direção correta acrescentando à fé “a virtude” (v. 5) e assim sucessivamente, por toda a lista. A

palavra traduzida por “virtude” pode significar a coragem de representar a própria fé. Que melhor virtude poderia haver?

PECADOS COMETIDOS POR SANTOS

(2:1–4)

Warren W. Wiersbe citou, em seu comentário, certo pregador que apresentou uma série de sermões sobre “Os Pecados dos Santos”. Ele foi severamente repreendido por um membro da igreja. “Afinal”, disse o membro, “pecado na vida de um cristão é diferente de pecado na vida de outras pessoas”. “É”, replicou o ministro, “é pior!”⁶

COMO ESCAPAREMOS? (2:3)

A pergunta em 2:3 é retórica e significa que a resposta está implícita: *Não há saída se negligenciarmos esta grande salvação!* A resposta é dada claramente em 2 Tessalonicenses 1:7–9. O coração de algumas pessoas ficou tão endurecido que está além da possibilidade de redenção. Confirmaremos esta verdade no estudo de Hebreus 6:4–6 e 10:26–29. Paulo, em 1 Timóteo 4:1–3, sugeriu que alguns teriam “cauterizada a própria consciência” e contariam mentiras no lugar da verdade. Como uma marca no gado, a consciência pode ser cauterizada a ponto da verdade não mais afetá-la. Hebreus 6:4–6 sugere que essa linha pode ser ultrapassada por um apóstata. Hebreus 10:25–29 implica que o esfriamento pode começar com a negligência da adoração e prosseguir com o “viver deliberadamente em pecado” até se desenvolver um espírito que “calcou aos pés o Filho de Deus”. “Horrrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (10:31). Passagens como esta nos ajudam a entender por que Paulo disse: “Conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Coríntios 5:10, 11). Não podemos confiar que a graça de Deus nos proteja do perigo da deserção, a qual resulta na somente em falta de esperança nesta vida, como também na possibilidade de sermos eternamente condenados.

⁶Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Wiersbe. Estudo Expositivo da Epístola aos Hebreus*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2013, vol. 2, s.p.

Autor: Martel Pace

© A Verdade para Hoje, 2015
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS